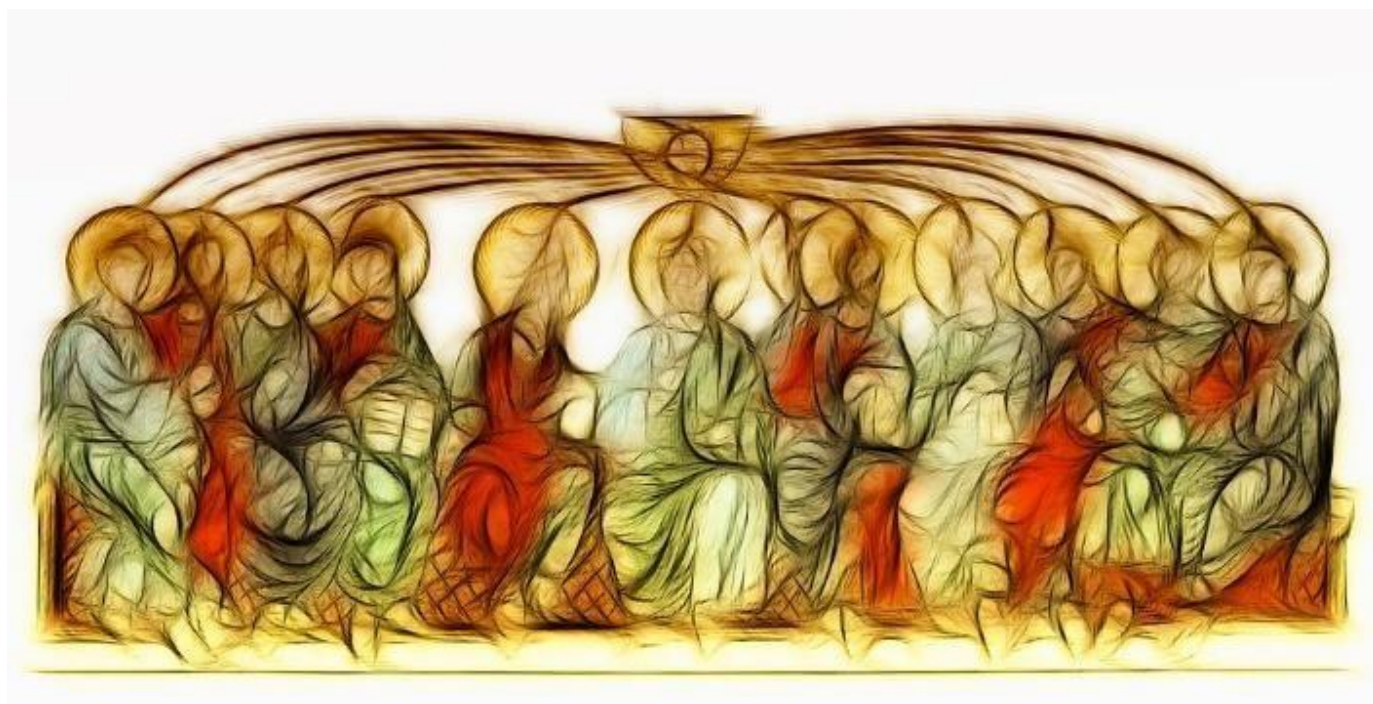
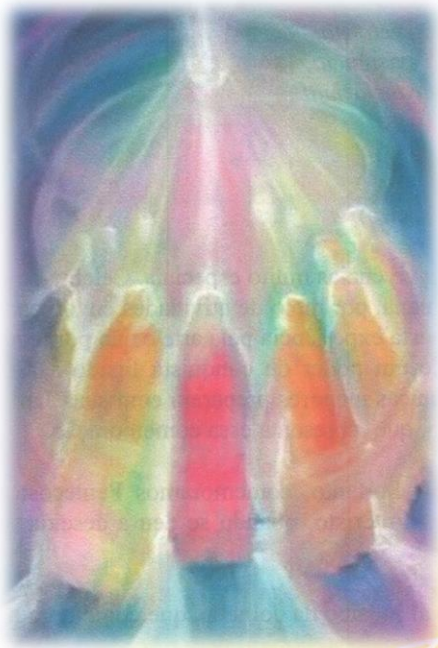


VIVENCIANDO PENTECOSTES



“Salutar só é quando, no espelho da alma do homem, se forma toda a comunidade e na comunidade vive a força da alma individual.”

Rudolf Steiner



Na pedagogia Waldorf o ensino é permeado pelas festas cristãs e a maneira que vivenciamos isso é através de imagens que nos remetem a uma sabedoria arquetípica que fala ao humano genérico/universal. Com isso queremos dizer que não importa se eu me considero ateu, cristão, islâmico, budista, etc. Existem temas que se referem a questões internas de todo ser humano. O mais evidente é quando falamos de nascimento e morte, mas e Pentecostes? A que se refere? Em que aspecto essa imagem nos remete ao arquétipo humano?

Seguido da páscoa vem Pentecostes, cujo nome se origina deste período de 50 dias após a ressurreição. Depois da ascensão os discípulos se sentiram sozinhos, sem direção e com uma imensa tarefa. Até que descem línguas de fogo do céu e a partir de então eles se sentem preenchidos pelo espírito santo e passam a entender todas as línguas.

Na visão cristã/antroposófica todos temos origem espiritual, mas gradualmente nos afastamos desse mundo, tal qual os filhos se emancipam dos pais. Essa emancipação possibilita a individualidade e a liberdade e assim podemos percorrer um caminho de crescimento, sendo necessário se afastar, apesar de muitas vezes termos medo e não sabermos o caminho. Pentecostes é a imagem desses seres que se individualizaram, mas que agora retomam essa ligação com o mundo espiritual sem perder a sua identidade. Esse evento não fez todos falarem a mesma língua, mas fez pessoas que falavam idiomas diferentes se entenderem.

Não há dúvidas que somos múltiplos, individualidades que não vivem, não sentem, não pensam e não querem de maneira una. Mas o que pode nos unir? Que espírito é esse que pode nos unir em comunidade para que uma imensa tarefa possa ser cumprida?

Para isso não existe uma única resposta. Mas se um grupo de pessoas se une por um ideal, ali poderá haver compreensão e consentimento, ali poderemos nos entender a despeito das diferenças, ali existirá a unidade dos diferentes, ali poderemos dar conta de grandes tarefas e seremos mais fortes. Porém a unidade só surgirá a partir de um propósito e deste ideal comum.

Atualmente vivemos em tempos difíceis que provavelmente nos trarão desafios e obstáculos por muito tempo. Esses podem ser de todas as ordens: ética, de saúde, emocionais, sociais e econômicos. Para o que vamos viver não existem precedentes nem receitas. Só poderemos resistir a forças antissociais se nos sentirmos pertencentes a um grupo de confiança mútua. É a prática social, trocas, cooperação, colaboração que poderá nos unir em comunidade. Que essa comunidade permita essa unidade de individualidades e que juntos possamos nos fortalecer.

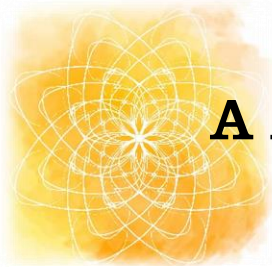
Vivenciar Pentecostes é lançar uma centelha, que possa acender esse fogo interior de cada um. Essa centelha fala acerca dos ideais que fundamentam a nossa escola. Mas, para que essa faísca se torne fogo, ela precisará tanto de meios físicos quanto atmosféricos.

Que possamos cuidar e cultivar esse fogo em comunidade, que possamos nos unir nesses ideais e juntos nos fortalecer mutuamente. Pois se conseguirmos transformar essas faíscas em fogo poderemos ver esse novo caminho, mesmo cercados de tantos desafios e escuridão.

Vivenciando Pentecostes

A ascensão de Cristo	04
Vivências de ascensão	04
O significado de Pentecostes	05
Outono e Pentecostes	06
Pentecostes com as crianças	08
Histórias	09
Brincadinhos	13
Mesa ou cantinho de época	14
Vivências de Pentecostes	15
Cerimônia das velas	15
Salada de frutas	15
Receitas	16
Festa do Divino	17
Festa da Lanterna	19
Significado da história do teatro	19
Preparação e vivência da festa	21
O que esta festa traz para a criança	22
Verso	23

“Micael conduz o homem à manjedoura;
Natal representa o nascimento da luz divina na Terra;
Páscoa simboliza a Luz de Natal que vence as forças da morte;
Em Pentecostes a luz se torna para o homem o fruto do seu agir.”



A ASCENÇÃO DE CRISTO

A celebração da Ascensão, no Brasil, ocorre no outono. Algumas árvores florescem nesse período e suas lindas flores se abrem para o céu, elevando-se em gratidão. Mas o outono também é um momento em que nossas almas se preparam para o recolhimento do inverno. O corpo se recolhe para a alma poder se elevar em reflexão e meditação. Nossas crianças vivem esse momento de maneira inspirativa por meio de lindos desenhos de lousa, canções e histórias que falam da elevação das nossas aspirações, sempre por meio de belas imagens que lhes falam a alma e ao coração, não ao intelecto.

A festa de Ascensão é celebrada no quadragésimo dia após a Páscoa e 10 dias antes de Pentecostes, pois na verdade, seu dia é uma quinta-feira. O episódio da Ascensão é narrado no Novo Testamento, quando o Cristo, após ter ressuscitado e orientado seus discípulos, elevou-se ao céu na presença de onze deles. Logo após, um anjo informa aos discípulos que a segunda vinda do Cristo se daria da mesma forma que sua ascensão.

Vivências de Ascensão

Nesta época, as crianças apreciam vivenciar a brincadeira de soltar bolhas de sabão e vê-las subir ao céu, até sumirem no ar. Outra vivência mágica é feita com dentes-de-leão, que as crianças adoram soprar. Num jardim, praça ou local onde eles estejam presentes, é sempre uma alegria para os pequenos poderem soprá-los ao céu. Também se pode construir com as crianças pequenos cata-ventos de papel e pipas coloridas. Um brinquedo que as crianças apreciam muito é o barangandão, a criança, ao girá-lo e soltá-lo, faz este subir alto e voar longe.



Nesse período, os alunos do ensino médio de escolas Waldorf, que estão vivendo experiências profissionais desfrutam mais intensamente esse momento de escolha, refletindo melhor sobre o futuro, aspirando harmonizar a carreira que desejarão seguir com um ideal de vida mais elevado. Esse é um momento em que seus anseios se elevam como nossas almas diante da imagem do Cristo ascendendo. Um sentimento de esperança e uma profunda confiança em si podem ser experimentados, quando imagens permeadas desse sentido são trazidas, seja numa canção, numa pintura, num texto, num episódio de vida de um personagem exemplar da história.



O SIGNIFICADO DE PENTECOSTES

Pentecostes vem do grego e significa o quinquagésimo dia. Esta festa acontece sempre 50 dias após o domingo de Páscoa e 10 dias após a Ascensão de Cristo, é o 7º domingo depois da Páscoa. A época de Pentecostes é, para muitos de nós, um grande mistério. Para compreendê-la melhor vamos primeiramente ao contexto histórico. Após a ressurreição de Cristo houve um período de “descanso” que durou 49 dias, no qual os apóstolos refugiados aguardavam um sinal. No 50º dia, na festa judaica de Pentecostes, os apóstolos reuniram-se junto à Maria para comemorar, quando foram então tomados por um sopro divino e, imbuídos de sabedoria, passaram a pregar o cristianismo pelos quatro cantos do mundo. Relata-se que foram invadidos por línguas de fogo e se fizeram compreender em diversos idiomas.



Historicamente, a festa de Pentecostes estava ligada ao festival judaico da colheita, que comemora a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai cinquenta dias após o Êxodo dos judeus. Porém, para os cristãos, Pentecostes passou a celebrar a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, através do dom de línguas, como descrito no Novo Testamento, durante aquela celebração judaica. Cristo havia ressuscitado e chamado os apóstolos para repassar a eles os ensinamentos que deveriam disseminar a partir de sua subida aos céus. Sete dias após a ascensão, o Espírito Santo veio ao encontro dos apóstolos para abençoá-los com o dom de línguas e da Palavra que eles passariam a cultivar e divulgar em seu nome.

Antes disto os apóstolos e discípulos receberam os ensinamentos do Cristo através de uma consciência imaginativa, como em estado de sonho. Todos os conhecimentos ocultos do mundo espiritual que já

estavam ancorados em suas almas ainda não emergiam na consciência de vigília. Eles olhavam os acontecimentos como algo externo a eles. Tinham o conhecimento da nova relação entre o macro e o microcosmo e reconheciam a força Divina solar trazida à esfera terrena através do Cristo, mas ainda não a vivenciavam dentro de si mesmos. Também o Cristo até a Ressurreição e a Ascensão atuava na esfera terrena e não ainda nos indivíduos. Através do Mistério de Gólgota o Cristo permeou a Terra com forças cósmicas, mas ainda não permeou a consciência do eu individual.

Pentecostes é a festa do verter do Espírito Santo nos Apóstolos e a fecundação do Amor Cósmico ao “eu humano” através da consciência individual. Neste evento o Cristo uniu-se definitivamente à humanidade e permeou-se dentro de cada individualidade, trazendo para dentro de cada um o que pairava nas esferas espirituais. O Ser Crístico permeou totalmente a esfera terrena, trazendo o Céu à Terra e desde então Ele está unido à alma humana da Terra.

Nos antigos Mistérios, a possibilidade de união do micro ao macrocosmo só era possível ao homem através de um estado de sono profundo sem a presença consciente do eu. Pentecostes traz uma nova relação do terreno com o divino de maneira interiorizada individualmente, de forma consciente. As forças de Pentecostes atuam na alma de cada indivíduo, permite a cada um de nós reconhecer a singularidade de cada ser humano e a compreensão que é através da diversidade de cada um que se encontra a qualidade do Amor Cósmico que une toda a Humanidade. Em Pentecostes o que importa é aquilo que é criado em conjunto, que se procure e que se ache o que é unificador.



OUTONO E PENTECOSTES

Estar atento e celebrar as estações do ano nos conectam com o mundo e com toda a natureza. Pois a natureza está na base de nossa cultura e da nossa sobrevivência. Temos de ajustar a nossa existência, de acordo com as forças naturais, pois ela está profundamente arraigada em nós. As festas sazonais marcam a mudança da luz, a relação da Terra com o Sol, a ligação com aquilo que é universal no ciclo do ano. As forças cósmicas se apresentam nas quatro estações do ano. As estações são como a respiração da Terra e ajudam o ser humano na busca do seu equilíbrio.

A celebração da Ascensão e Pentecostes, no Brasil, ocorrem no outono. Algumas árvores florescem nesse período e suas lindas flores se abrem para o céu, elevando-se em gratidão. Mas o outono também é um momento em que nossas almas se preparam para o recolhimento do inverno. O corpo se recolhe para a alma poder se elevar em reflexão e meditação. Nossas crianças vivem esse momento de maneira inspirativa por meio de canções e histórias que falam da elevação das nossas aspirações, sempre por meio de belas imagens que lhes falam a alma e ao coração, não ao intelecto.



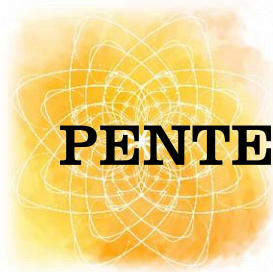
Com a posição do sol abaixo da linha do horizonte, o círculo das cores das Épocas segue para as tonalidades frias. No outono os ventos são mais frequentes, derrubando as folhas das árvores que perderam seu verde intenso, dando lugar a lindos tons de amarelo e laranja. É época de colheita, muitas frutas aparecem, trazendo um equilíbrio especial. É como um momento de pausa, entre a expansão do verão, e a contração do inverno. É tempo de observar a natureza, de ver as folhas caírem, de encontrar casinhas de anões pelo gramado, os tão curiosos cogumelos!

O outono é a estação do equilíbrio. O pensar é mais forte, o querer é menor, e o sentir é interligado. O pensar torna-se mais claro no outono, e o sentir volta-se para dentro do homem, mostrando-lhe um Eu presente e elaborado. A criatividade aflora, tornando o querer mais poético.

O elemento do outono é a terra, portanto é aquilo que os professores do Jardim de Infância precisam trabalhar, buscando despertar nos pequenos a observação das cores da terra, as texturas, os cheiros. Tempo, também, de varrer folhas secas do jardim e de colher frutos. Trazer para a criança, em seu dia-a-dia, a vida da Natureza, as suas constantes mudanças e transformações, é um meio de trazer a força motriz da vida da Terra.



Na Páscoa as crianças viveram a procura, a transformação de algo interior e agora, em Pentecostes, é momento de abrir-se para o mundo, perceber e trabalhar para o outro, compreendê-lo no coração e conviver harmoniosamente com suas diferenças. Para vivenciar sentimentos tão intensos utilizamos, entre outras, a imagem das profissões, nas quais cada um ao seu modo contribui para o bem do todo. Fortalecendo este sentimento de equidade e de comunidade, trabalhamos para um bem comum.



PENTECOSTES COM AS CRIANÇAS

Existem muitas formas de se vivenciar essa época com as crianças, porém o mais importante é mostrar a elas que a união se fortalece pela junção das individualidades, em uma vivência social, comunitária, onde um ajuda o outro e se trabalha para o bem comum. Neste aprender e ensinar, no jardim de infância as professoras constroem processos, trazendo imagens sobre a diversidade humana e, através do fazer, elas mostram para as crianças que as coisas não surgem do nada, que dentro de cada atividade ou de cada profissão existe a importância do compartilhar, de estar em contato consigo mesmo, com o outro e com a natureza e, é claro, a de se trabalhar!



Mas como é este trabalho? Como podemos vivenciar essa época em nossas casas?

Existem pequenas ações no dia a dia que colaboram para este fim, como exemplos: ajudar a mamãe e o papai a colocar um detalhe na mesa do almoço, que poderá ser um vaso de flores. Também poderão ajudar a preparar o alimento. Na culinária a criança tem a possibilidade de oferecer o que veio de um gesto seu, que com ingredientes básicos pôde transformar para, enfim, compartilhar. Para isso, é fundamental que ela seja orientada e acompanhada pelos adultos, que são seus condutores nesta vida. O pão é um alimento sagrado que se feito pelos padeiros daquela cozinha, certamente ganhará novas características daquela família, com aquelas mãos que colaboraram e colocaram toda sua intenção e amor para fazer o seu melhor. Depois, vem o mais gostoso que é sentir o cheirinho saindo do forno e espalhando aquele aroma pela casa! Dividiremos o pão com toda a nossa família e pode-se também oferecer e presentear o porteiro de nosso prédio, para a nossa vizinha ou amiga. Também podemos comemorar esta festa no momento de se preparar a nossa refeição, elaborando algum prato que seja parte da história da família ou de um país diferente. A beleza está na preparação em conjunto, cada um pode dar o seu

colorido e trazer à mesa o fruto do seu trabalho. Quanto mais conseguirmos usar ingredientes diferentes para produzi-lo, mais cheio de vida ele será!

A família também pode acrescentar um novo idioma ao seu dia a dia, de uma maneira divertida e simples como dar um “bom dia” diferente ou uma nova forma de agradecer o alimento na hora das refeições.

Guten Morgen! em alemão

Buenos días! em espanhol

Good Morning! em inglês

Bonjour! em francês

Kaaro o! em lorubá



As músicas também são muito bem-vindas!

Lembrando que a imagem de Pentecostes é a comunidade e a força espiritual que vem dos céus. Podemos representá-la, por exemplo, enfeitando a nossa casa com flores, como margaridas e girassóis, que possuem em seu interior um conjunto de sementinhas reunidas, tal quais os “discípulos” e os povos em unidade.

Nesta época do ano as crianças gostam de brincar com os elementos da natureza como folhas, flores, pedras, galhos de árvores e terra. Pisar em folhas secas de outono, correr e escutar aquele barulhinho, escolher folhas e sementes para brincar faz parte da natureza humana e nos conecta com o verdadeiro, o belo e com o mundo da pureza.

Histórias

Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências.

Jean de La Fontaine

O contar histórias é um recurso pedagógico muito rico, envolvente e que nos ativa internamente, proporciona uma aprendizagem viva e dinâmica. Assim como o alimento fortalece e revigora nosso corpo físico, os contos de fadas fortalecem e revigoram a alma de crianças, dos jovens e adultos. Na pedagogia waldorf educamos não só apenas por intermédio de conceitos e informações e sim por imagens, que devem preceder os conceitos. O caráter da imaginação contém movimentação e forma. E quando juntamos movimento e forma temos “n” possibilidades. Os contos de fadas, são como uma refeição, eles nutrem a alma da criança. Assim como o alimento fortalece e revigora nosso corpo físico, os contos de fadas fortalecem e revigoram a alma de crianças, dos jovens e adultos. É como olhar as nuvens no céu: a cada momento as

nuvens ganham uma nova forma, dando oportunidade a criação própria. Cada um pode pintar um quadro interno com suas cores e intensidade de maneira individual, singular.



Para se contar histórias, primeiro, deve ser criada uma atmosfera de calma e silêncio interno e externo. Pois algo especial está para acontecer. O nosso mundo interno começa se ativar e se torna receptivo para a escuta. Não dá para contar uma história em meio à confusão e barulho. Também após a contação da história seria muito bom, ter um momento de

decantação, de pausa e não engatar em outra atividade imediatamente.

Para cada idade é indicado um tipo de história. É importante não adiantarmos processos nem tampouco deixar de oferecer à criança aquilo que ela precisa naquela fase da sua vida.

Opções de histórias para a época de Pentecostes:

A BETERRABA

Certo dia o vovô plantou uma beterraba e disse-lhe:

- Cresça beterraba, cresça e fique bem doce! Cresça beterraba, cresça e fique bem forte!

A beterraba cresceu - doce, forte e grande... ENORME!

O vovô então foi retirá-la da terra. Puxava, puxava, mas não conseguia retirá-la... O vovô então foi chamar a vovó para lhe ajudar.

A vovó segurou no vovô, o vovô segurou nas folhas da beterraba, e puxaram, puxaram... mas não conseguiram retirar a beterraba da terra.

Então a vovó foi chamar a netinha para ajudá-los.

A netinha segurou na vovó, a vovó segurou no vovô, o vovô segurou nas folhas da beterraba, e puxaram, puxaram, mas não conseguiram arrancar a beterraba da terra. A netinha então foi chamar o cachorrinho para ajudá-los. O cachorrinho segurou na netinha, a netinha segurou na vovó, a vovó segurou no vovô, o vovô segurou nas folhas da beterraba, e puxaram, puxaram, puxaram... mas não conseguiram arrancar a beterraba da terra. O cachorrinho então foi chamar o gatinho para ajudá-los. O gatinho segurou no cachorrinho, o cachorrinho segurou na netinha, a netinha segurou na vovó, a vovó segurou no vovô, o vovô segurou nas folhas da beterraba, e puxaram, puxaram, puxaram... mas não conseguiram arrancar a beterraba do chão...!

O gatinho então foi chamar o RATINHO para ajudá-los!

O ratinho segurou no gatinho, o gatinho segurou no cachorrinho, o cachorrinho segurou na netinha, a netinha segurou na vovó, a vovó segurou no vovô, o vovô segurou nas folhas da beterraba e puxaram, puxaram, puxaram... e PLUFT! Conseguiram arrancar a beterraba da terra!



UM CISNE VEM DE LONGE

(para crianças acima de 3 anos)

Era uma vez um rei e uma rainha que desejavam muito uma criança, mas o desejo não se realizava por mais profundo que fosse. Havia passado muitos anos de espera, quando um dia, um ancião entrou pela sala do trono adentro. Seus cabelos muito longos caíam-lhe sobre o manto azul. Seu olhar voltado para o rei e para a rainha conseguiu penetrar-lhes o coração e ler, ali, seu grande desejo:

- Conheço sua preocupação, mas, não se aflijam. O seu desejo será realizado, disse o estranho. Prestem atenção ao que vou lhes dizer agora: quando por sobre sua moradia, se estender o arco-íris e um resplandecente cisne branco cruzar por ela, para, em seguida, pousar junto ao lago, perto do palácio, terá chegado a hora pela qual tantos anos estão esperando.

Com estas palavras o ancião retirou-se da sala do trono, deixando o rei e a rainha em alegre expectativa.



Um dia, em pleno inverno, a rainha viu estender-se sobre o palácio um maravilhoso arco-íris, e, enquanto ela olhava, lhe admirando a beleza, ouviu um farfalhar de asas e viu um resplandecente cisne branco cruzar pela colorida porta celeste, movimentando com majestade suas grandes asas.

Ele pousou suavemente no lago, quase congelado, do jardim real. Era como se ele tivesse trazido consigo todo um mundo de alegria.

O rei e a rainha, alegres e felizes, mandaram construir uma moradia para o cisne em meio a água; eles mesmos o alimentavam e dele cuidavam.

Pouco tempo depois, a rainha deu ao rei o esperado filho. A felicidade chegara ao palácio real. O rei e a rainha não deixaram de lembrar-se, com gratidão, do estranho que os visitou na hora certa.

No coração da rainha nasceu uma canção soando suave e, todos os dias, ela cantava essa canção ao filho real.



A MENINA DA LANTERNA

(para crianças acima de 4 anos)

Era uma vez uma menina que carregava alegremente sua lanterna pelas ruas. De repente chegou o vento e com grande ímpeto apagou a lanterna da menina.

Ah! Exclamou a menina. – Quem poderá reacender a minha lanterna? Olhou para todos os lados, mas não achou ninguém. Apareceu, então, um animal muito estranho, com espinhos nas costas, de olhos vivos, que corria e se escondia muito ligeiro pelas pedras. Era um ouriço. Querido ouriço! Exclamou a menina, - O vento apagou a minha luz. Será que você não sabe quem poderia acender a minha lanterna? E o ouriço disse a ela que não sabia, que perguntasse a outro, pois precisava ir pra casa cuidar dos filhos. A menina continuou caminhando e encontrou-se com um urso, que caminhava lentamente. Ele tinha uma cabeça enorme e um corpo pesado e desajeitado, e grunhia e resmungava.

Querido urso, falou a menina, - O vento apagou a minha luz. Será que você não sabe quem poderá acender a minha lanterna? E o urso da floresta disse a ela que não sabia, que perguntasse a outro, pois estava com sono e ia dormir e repousar.

Surgiu então uma raposa, que estava caçando na floresta e se esgueirava entre o capim. Espantada, a raposa levantou seu focinho e, farejando, descobriu-a e mandou que voltasse pra casa, porque a menina espantava os ratinhos. Com tristeza, a menina percebeu que ninguém queria ajudá-la. Sentou-se sobre uma pedra e chorou.

Neste momento surgiram estrelas que lhe disseram pra ir perguntar ao sol, pois ele com certeza poderia ajudá-la.

Depois de ouvir o conselho das estrelas, a menina criou coragem para continuar o seu caminho. Finalmente chegou a uma casinha, dentro da qual avistou uma mulher muito velha, sentada, fiando sua roca. A menina abriu a porta e cumprimentou a velha. - Bom dia querida vovó – disse ela.

- Bom dia, respondeu a velha.

A menina perguntou se ela conhecia o caminho até o Sol e se queria ir com ela, mas a velha disse que não podia acompanhá-la porque ela fiava sem cessar e sua roca não podia parar. Mas pediu a menina que comesse alguns biscoitos e descansasse um pouco, pois o caminho era muito longo. A menina entrou na casinha e sentou-se para descansar. Pouco depois, pegou sua lanterna e continuou a caminhada.

Mais pra frente encontrou outra casinha no seu caminho, a casa do sapateiro. Ele estava consertando muitos sapatos. A menina abriu a porta e cumprimentou-o. Perguntou, então se ele conhecia o caminho até o Sol e se queria ir com ela procurá-lo. Ele disse que não podia acompanhá-la, pois tinha muitos sapatos para consertar. Deixou que ela descansasse um pouco, pois sabia que o caminho era longo. A menina entrou e sentou-se para descansar. Depois pegou sua lanterna e continuou a caminhada.

Bem longe avistou uma montanha muito alta. Com certeza, o Sol mora lá em cima – pensou a menina e pôs-se a correr, rápida como uma corsa. No meio do caminho, encontrou uma



criança que brincava com uma bola. Chamou-a para que fosse com ela até o Sol, mas a criança nem responde. Preferiu brincar com sua bola e afastou-se saltitando pelos campos. Então a menina da lanterna continuou sozinha o seu caminho

Foi subindo pela encosta da montanha. Quando chegou ao topo, não encontrou o Sol.

- Vou esperar aqui até o Sol chegar – pensou a menina, e sentou-se na terra.

Como estivesse muito cansada de sua longa caminhada, seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

O Sol já tinha avistado a menina há muito tempo. Quando chegou a noite ele desceu até a menina e acendeu a sua lanterna.

Depois que o sol voltou para o céu, a menina acordou.

- Oh! A minha lanterna está acesa! – exclamou, e com um salto pôs-se alegremente a caminho.

Na volta, reencontrou a criança da bola, que lhe disse ter perdido a bola, não conseguindo encontrá-la por causa do escuro. As duas crianças procuraram então a bola. Após encontrá-la, a criança afastou-se alegremente.

A menina da lanterna continuou seu caminho até o vale e chegou à casa do sapateiro, que estava muito triste na sua oficina.

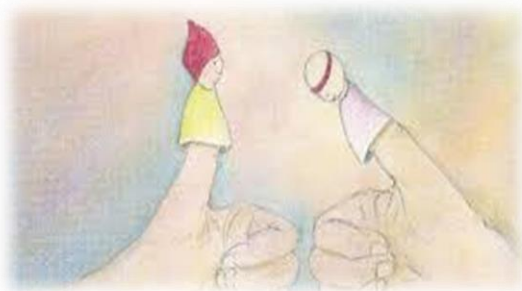
Quando viu a menina, disse-lhe que seu fogo tinha apagado e suas mãos estavam frias, não podendo, portanto, trabalhar mais. A menina acendeu a lanterna do artesão, que agradeceu, aqueceu as mãos e pôde martelar e costurar seus sapatos.

A menina continuou lentamente a sua caminhada pela floresta e chegou ao casebre da velha. Seu quartinho estava escuro. Sua luz tinha se consumido e ela não podia mais fiar. A menina acendeu nova luz e a velha agradeceu, e logo sua roda girou, fiando, fiando sem cessar. Depois de algum tempo, a menina chegou ao campo e todos os animais acordaram com o brilho da lanterna. A raposinha, ofuscada, farejou para descobrir de onde vinha tanta luz. O urso bocejou, grunhiu e, tropeçando desajeitado, foi atrás da menina. O ouriço, muito curioso, aproximou-se dela e perguntou de onde vinha aquele vaga-lume gigante. Assim a menina voltou feliz pra casa.

GATA BORRALHEIRA - a versão original dos Irmãos Grimm -

(conto de fadas que pode ser contado para crianças acima de 5 anos)

Brincadedos



São aquelas histórias curtas, as vezes com rimas, acompanhadas de gestos feitos pelas mãos e dedos que as crianças adoram. Podem ser criados seus próprios movimentos e gestos para cada historinha, mas devem ser simples e não muito numerosos. Quanto mais nova a criança, menos detalhes devem ter as imagens que apresentamos a elas.

Pombinha voou

Minha Pombinha voou, voou,
caiu no laço se embarçou.
Minha Pombinha voou, voou,
caiu no laço se embarçou.
Ai me dá um abraço, que eu
desembarço, a minha pombinha
que caiu no laço. Ai me dá um
abraço, que eu desembarço, a
minha pombinha que caiu no laço.



Salada de frutas

Lava, lava a tigelinha,
Seca, seca, bem sequinha.
Vamos fazer uma salada de frutas?
Pica a banana,
Pica a maçã,
Pica o mamão, Pica a uva. E por cima
vamos colocar o caldinho de laranja, que
vai ficar muito bom.
Agora vamos dar uma mexidinha e
podemos comer a nossa salada de frutas.
Hum que delícia!

Mesa ou Cantinho de Época

Chegamos à Pentecostes com suas cores iluminando a alma, com um olhar de puro amor verdadeiro! Esse é o momento onde a criança pode vivenciar junto com sua família um cantinho especial da casa, onde os elementos da natureza ajudam-na a perceber esse mundo que está a sua volta, de forma muito tranquila, com sementes, folhas, tecidos e principalmente com as preciosidades que ela encontra em seu caminho.

Na mesa do cantinho de época de Pentecostes podemos colocar algo representando as histórias ou um galho com pombinhas feitas de papel, feltro, tecido ou até mesmo de lã cardada - em tempos antigos a pomba

sempre foi vista como a mensageira – trazendo elementos que tragam um sentido de comunidade, de amor ao próximo, que sejam coerentes para cada família.



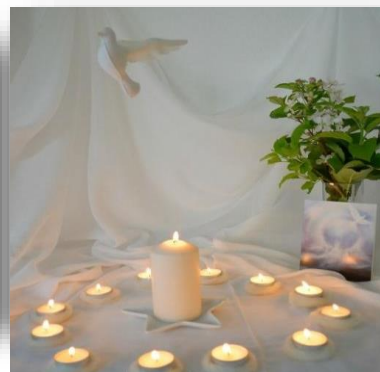


VIVÊNCIAS DE PENTECOSTES

CERIMÔNIA DAS VELAS:

São dispostas em círculo 12 velas brancas e 1 vela branca maior no centro, numa mesa arrumada com tecidos amarelos, laranjas e brancos. Pode-se também colocar flores que simbolizam vários indivíduos, mas que nascem num mesmo espaço, como as margaridas ou girassol, e uma pombinha branca.

No dia de Pentecostes, de manhã, é acesa a vela central podendo entoar o verso: "Luz, que conduz". Pega-se uma das velas menores e a acende nesta vela central dizendo por exemplo: esta é para a mamãe, recolocando-a no lugar. E assim se faz com cada uma das outras velas menores, sempre colocando uma intenção: para o papai, os avós, à todas as crianças, outros familiares, padrinhos, algum bichinho de estimação, etc. Neste momento provavelmente a criança já trará algumas intenções dela também.



SALADA DE FRUTAS

A salada de frutas vem permeada com uma das imagens possíveis de trabalhar com as crianças, a metáfora para essa época, onde cada fruta tem a sua qualidade, característica e ao estar entre as demais, oferecem o seu melhor, não se anulam e juntas formam um novo elemento, surge um novo sabor. Há intrinsecamente uma relação entre as partes e o todo e vice-versa.

Ingredientes:

- banana cortada em rodela;
- mamão picado;
- maçã picadinha;
- uvas verdes picadinhas; - outras frutas a gosto; - laranjas para suco.



Modo de preparo: Junte as frutas e acrescente o suco das laranjas.

PÃO DE QUE?

Ingredientes:

500 gramas de polvilho azedo
500 gramas de polvilho doce
5 inhames, baroas ou batatas doce
Sal
1 colher de sobremesa de fermento
10 colheres de azeite
1 ½ xícara rasa de água

Adicione os dois tipos de polvilho em uma bacia grande e reserve.
Cozinhe bem os inhames (ou qual você estiver utilizando). Depois de cozido adicionar à mistura e amasse bem com auxílio de um garfo e reserve
Ferva 1 xícara rasa de água com 10 colheres de azeite e sal. Depois de ferver, vire na bacia dos polvilhos, escaldando bem. Depois adicione o inhame na bacia o e vá misturando bem. Adicione o fermento amassando bem até ficar Uma massa bonita para enrolar os pães de queijo. Prove para ver o sal e enrole as bolinhas ou palitinhos e coloque em uma forma untada com óleo ou azeite deixando um espaço entre as bolinhas. Asse no forno por 20 a 30 min.

BISCOITO SALGADO

Ingredientes:

300 gramas farinha de trigo branca
200 gramas manteiga
100 gramas queijo parmesão
Opcional para ajudar na liga da massa "creme de leite"

Coloque todos os ingredientes em uma bacia e misture bem até que a massa solte das mãos, se for preciso acrescente um pouco mais de farinha de trigo. Unte a forma com manteiga e farinha.

BISCOITO DOCE

Ingredientes:

1 xícara de manteiga s/ sal
2 ovos
1 xícara de açúcar
2 xícaras de farinha de trigo branca
2 xícaras de farinha de trigo integral
1 pitada de sal
1 colher de chá de fermento em pó
Casca de 1 limão ralada

Em uma vasilha misturar a manteiga, os ovos e o açúcar até formar um creme. Peneirar as farinhas, o fermento e o sal e fermento.

Adicionar a casca do limão e amassar até formar uma massa que não grude nos dedos. Modelar a massa com forminhas e colocar numa assadeira e levar ao forno pré aquecido à 180°C até que os biscoitos fiquem levemente dourados.

Rendimento aproximado: 3 assadeiras grandes de biscoitos.



Festa do Divino

A Festa do Divino é realizada em muitas cidades do Brasil no dia de Pentecostes, para comemorar a descida do Espírito Santo sobre os doze apóstolos. Essa tradicional festa do folclore brasileiro é uma mistura de manifestações religiosas e profanas - isto é, sem caráter sagrado.



A origem da Festa do Divino se encontra em Portugal do século 14, com uma celebração estabelecida pela rainha Isabel por ocasião da construção da igreja do Espírito Santo, na cidade de Alenquer. A devoção se difundiu rapidamente e tornou-se uma das mais intensas e populares em Portugal. Por isso, chegou ao Brasil com os primeiros povoadores. Há documentos que atestam a realização da festa do Divino em diversas localidades brasileiras desde os séculos 17 e 18.

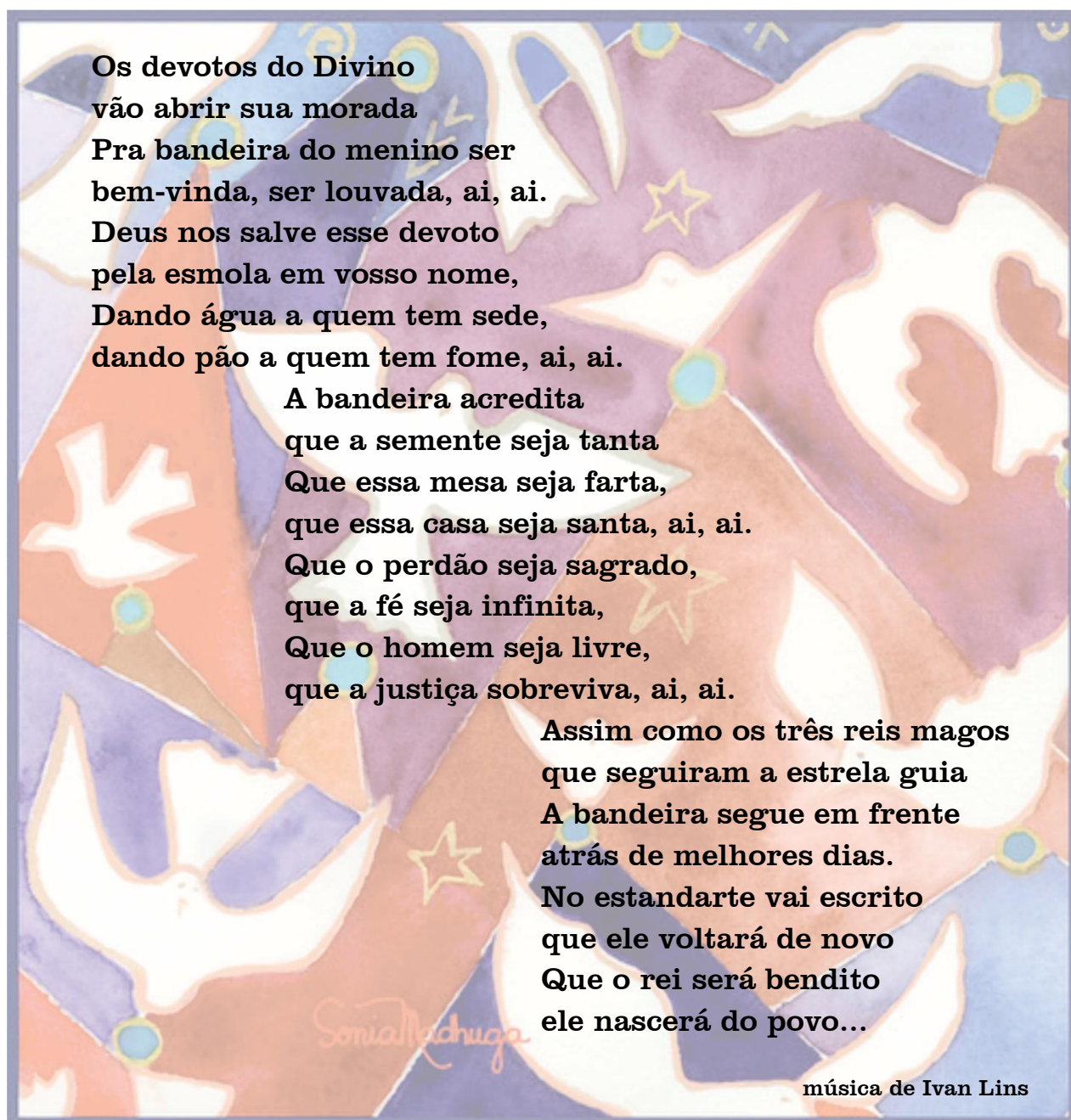
Originalmente, a Festa do Divino constituía-se do estabelecimento do Império do Divino, com palanques e coretos, onde se armava o assento do Imperador, uma criança ou adulto escolhido para presidir a festa, que gozava de poderes de rei. Tinha o direito, inclusive, de ordenar a libertação dos presos comuns, em certas localidades do Brasil e de Portugal. Para arrecadar os recursos de organização da festa, fazia-se antecipadamente a Folia do Divino: grupos de cantadores visitavam as casas dos fiéis para pedir donativos e todo tipo de auxílio. Levavam com eles a Bandeira do Divino, ilustrada pela Pomba que simboliza o Espírito Santo e recebida com grande devoção em toda a parte. Essas Foliás percorriam grandes regiões, se estendendo por semanas ou meses inteiros.

Para se ter uma ideia do prestígio da Festa do Divino no século 19, o folclorista Câmara Cascudo lembra que o título de "imperador do Brasil" foi escolhido em 1822, pelo ministro José Bonifácio, porque o povo estava mais habituado com o título de imperador (do Divino) do que com o nome de rei.

A tradição da Festa do Divino se mantém viva ainda hoje em vários Estados brasileiros. Em Pirenópolis, Goiás, ela é uma mescla de várias manifestações folclóricas. Além das cavalhadas, representando as batalhas entre mouros e cristãos, há a alvorada, os mascarados e representação teatral. Na parte religiosa da festa, há novenas, missas e procissões. Em Alcântara, no Maranhão, a tradição do Divino é revivida com a presença de cerca de 100 mil pessoas. Além da corte imperial, os



participantes representam personagens do Brasil colonial. Pela tradição, o imperador prende alguém antes da festa, acusando-o de provocar desordem. Durante os festejos, ocorrem o levantamento de mastro, missas e cortejo. Em São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul, a festa veio com os colonizadores luso-açorianos. Como em outras cidades, há novenas, baile, procissão, apresentações artísticas e a missa matinal com a bênção dos alimentos. Em Diamantina, Minas Gerais, os festejos incluem cortejo com participantes em trajes de época do império, alvorada, missa e espetáculo de fogos de artifício. Em vários municípios da Bahia, as comemorações se estendem por dez dias, em fins de maio, com desfecho no domingo de Pentecostes.



**Os devotos do Divino
vão abrir sua morada
Pra bandeira do menino ser
bem-vinda, ser louvada, ai, ai.
Deus nos salve esse devoto
pela esmola em vosso nome,
Dando água a quem tem sede,
dando pão a quem tem fome, ai, ai.**

**A bandeira acredita
que a semente seja tanta
Que essa mesa seja farta,
que essa casa seja santa, ai, ai.
Que o perdão seja sagrado,
que a fé seja infinita,
Que o homem seja livre,
que a justiça sobreviva, ai, ai.**

**Assim como os três reis magos
que seguiram a estrela guia
A bandeira segue em frente
atrás de melhores dias.
No estandarte vai escrito
que ele voltará de novo
Que o rei será bendito
ele nascerá do povo...**

Sonia Pachuga

música de Ivan Lins



FESTA DA LANTERNA

A Festa da Lanterna, usando como fundo de cena a história da Menina da Lanterna, é uma tradição nos jardins waldorf, normalmente realizada junto com a Festa de São João, mas carrega uma simbologia e contexto totalmente diferentes desta, mais relativo à Época de Pentecostes e, por isto, aqui no Espaço Infantil Manacá a celebramos como vivência desta época.

Enquanto sentimos o frio vindo da natureza, temos que acender calor em nossos corações e reconhecer em cada um de nós a luz quente que brilha, mesmo diante de todas as mudanças externas da vida, afastando a escuridão, os momentos difíceis de solidão, angústia, incertezas que todos nós sentimos ou passamos, pois são inerentes ao ser humano em sua jornada na vida de adulto. Esta festa é justamente a imagem da busca desta nossa luz interior.



Como pais e educadores lembramos que as crianças são pequenas luzes, que precisam ser protegidas com amor, paciência e entrega todos os dias para que seu brilho não apague. Essa vivência se dá pela participação das crianças nessa mágica celebração e por meio de canções e lindas histórias trabalhadas em sala durante essa época do ano. Ao vivenciar as imagens oferecidas nessa celebração, ela interioriza de fato essa busca em sua alma. Somente nossa chama interna, que nos revela e que não podemos jamais deixar se apagar, é capaz de afastar qualquer escuridão e nos manter, de fato, despertos para a vida.

Significados da história do teatro

Na história, são três os elementos da natureza: sol, vento, estrelas. São três os animais: ouriço, raposa e urso. E três as pessoas, exceto a própria Menina da Lanterna: fiandeira, sapateiro, criança da bola. Somos, segundo Steiner, uma trimembração, ou três princípios constituintes do homem: Querer (físico), Sentir (emocional), Pensar (mental). Onde a cabeça está relacionada ao Pensar; o tronco, relacionado ao Sentir; e membros relacionados ao Agir. Essas são as três atuações básicas do ser humano: pensar, sentir, agir.

A personagem principal é uma menina que caminha segurando uma lanterna alegre e inocentemente, mas logo no início é surpreendida pelo vento que apaga sua luz. Esse momento simboliza a necessidade de o ser humano iniciar um caminho de autoconhecimento a fim de reencontrar-se com sua luminosidade interior.

No seu caminho até o sol, primeiramente ela encontra três animais, que caracterizam o mundo material. À cada um pede ajuda, mas eles estão preocupados somente com seus interesses e não dão atenção ao seu pedido. Esses três animais representam nossos instintos básicos, não humanizados, que precisam ser cuidados e equilibrados. Cada animal representa um desses instintos: o urso, preguiça; o ouriço, esperteza; a raposa, egoísmo.

O propósito deles, na peça, é nos acordar para além do mundo material que nos cerca.

Sem saber o que fazer, a menina senta, chora e dorme. Então, aparecem as estrelas. Estas representam o canal cósmico entre os homens e a sabedoria plena. Na peça, elas transmitem coragem para a menina enquanto esta dorme, aconselhando-a e indicando o caminho que ela deve fazer para acender a luz



de sua lanterna novamente. Com novo ânimo ela sai à procura do sol e em seu caminho encontra novamente três personagens distintos, agora pessoas.

Os personagens têm o aspecto social do ser humano: o sapateiro representa o querer, fazer, a atuação no mundo, ele faz sapatos que, metaforicamente, representam a função de nos carregar na nossa caminhada nesse mundo, nos mantendo com os pés no chão. A fiandeira representa o mundo dos pensamentos e ideias; ela é velha e tece em sua roca os fios que compõem a sabedoria antiga. A criança com a bola é aquela do segundo setênio, que vivencia o mundo com suas emoções. Representa o estar no mundo sem pretensões, brincando, jogando a bola, que, por sua vez, representa o mundo. A criança se entretém, sem racionalizar, sem busca interior, ainda em estado infantil. Por isso nada fala, apenas brinca. Cada um está muito ocupado. A menina da lanterna pede ajuda para a fiandeira, para o sapateiro e para a criança da bola, mas todos, assim como os animais, negam auxílio.

Ela, então, segue seu caminho, com coragem e persistência, até chegar ao alto de uma montanha. Com esperança de encontrar o sol, ela adormece. Enquanto ela dorme, o sol chega até ela e acende sua luz. O adormecer diante do sol acontece porque não temos ainda a capacidade de estar plenamente conscientes perante a grandeza e a verdade, luz absoluta do mundo espiritual, e por isso adormecemos.

Quando a menina desperta percebe sua lanterna acesa e sente-se feliz. Esse sentimento reflete sua entrega a um plano maior, e à fé, pois algumas vezes nos reencontramos com nosso potencial interior somente por meio da fé. Ao acordarmos para nossa luz interior, precisamos carregá-la no mundo e levá-la aos outros, elevando e guiando nossos instintos. Assim, a menina inicia alegremente seu retorno. Quando caminha de volta, vai revendo cada um daqueles com quem se deparou na ida. No entanto, eles não podem mais fazer o que faziam, pois, a luz se apagara por completo. Por conta da transformação e do crescimento, provenientes de sua iluminação, a menina oferece auxílio a cada um deles, iluminando o caminho daqueles que antes lhe negaram ajuda, levando a luz que renova e guia.

Esse teatro retrata o caminho individual e solitário da alma humana. A luz inicialmente se apaga, pois é quando a criança chega à maturidade. E, depois que essa luz brilha, pode ser compartilhada com os outros. Simbolicamente, a peça mostra que todo processo de desenvolvimento só é válido quando compartilhado com os demais. Sua doação ao iluminar o caminho, inclusive o dos animais, mostra que reconhece seus instintos e é capaz de cuidar de seu mundo interior. Os personagens do teatro passam por diversas situações que ilustram o caminho do autoconhecimento que cada um percorre no sentido de uma nova consciência que provoca transformações profundas.

Preparação e Vivência da Festa

Nessa época do ano, o clima fica já mais friozinho, a noite chega mais cedo, tudo favorece uma atitude de recolhimento e interiorização, de uma busca para dentro de nós mesmos, da luz que vive no nosso interior. As crianças vão se aproximando deste conteúdo inconscientemente ano após ano e esse teor existencial verdadeiro fica impresso nas crianças e as acompanha ao longo da vida.

Com antecedência, as professoras, muitas vezes com a colaboração dos pais, confeccionam uma lanterna de papel ou outro material translúcido, suspensa por um pedaço de arame e um pequeno galho ou varinha de madeira para cada criança. Dentro dela é fixada uma pequena vela. Cada ano as professoras escolhem um modelo diferente, de acordo com a idade das crianças da turma.



Esta festa, em nossa escola, é uma celebração interna, somente com as professoras e as crianças da escola. Inicia com o teatro da história da Menina da Lanterna, que pode ser realizado com bonecos, na forma de um teatro de mesa, ou encenado por um grupo de pais, como um presente à todas elas. Finalizada a peça, as crianças são conduzidas para o local onde estão colocadas as lanternas e, em total silêncio, estas são cerimoniosamente acesas. Devagarinho as professoras vão posicionando cada criança e dão início ao passeio, andando pelo quintal da escola, num cortejo. Por ser uma festa bastante intimista e contemplativa, o silêncio é item essencial e deve ser buscado pelo adulto, para que esta quietude possa ressoar nos pequenos. A escola então, mergulhada na penumbra, é percorrida pelas crianças, que



caminham com suas lanternas acesas; entoando a cantiga da história da Menina da Lanterna e outras canções desta época.

Mergulhados na escuridão da escola, como pequenos vaga-lumes ou pequenas estrelas refletidas na Terra, as crianças também vivem o sentimento de levar a luz onde ela não existe, de doar a sua luz. Corajosas, elas caminham pela escuridão, cantando e empunhando suas lanternas, que as conduzem.

Ao final do trajeto, todos reunidos ouvem a mensagem final dada por uma das professoras e, em seguida, as crianças são encaminhadas para a entrega às famílias, levando consigo este calor interior.

O que esta festa traz para a criança

A criança, tanto no Maternal quanto no Jardim, dados os cuidados específicos de cada idade, precisa do alimento que emana do movimento da Festa da Lanterna, bem como das imagens, pois estas atingem camadas mais profundas na alma do que conceitos racionalmente explicados.

Uma criança que tem o privilégio de vivenciar esta época e assistir ao teatro da Menina da Lanterna, seja interpretada pelos pais ou por bonecos, quando crescer poderá exteriorizar esse alimento de outrora em caráter, ética, consciência de comunidade e outras atitudes positivas.



*Homem, olha além
dos mares e montanhas
Além da estreita terra.*

*Ultrapassa, com a força de ti mesmo,
o horizonte longínquo*

*Abandona as cadeias
que te prendem
Do passado morto
ergue-se às serenas paragens*

*Onde os contrastes
se anulam e as diferenças se abatem
Eleva a tua voz, clarim do amanhã.
E canta, homem, canta o teu hino,
glorioso hino, retumbante e feliz,
do teu belo porvir e grandioso
destino.*



Este material foi elaborado por Rosani Clausen, do Espaço Infantil Manacá, reunindo diversos textos, conteúdos, postagens, ponderações e imagens pesquisadas, com o objetivo de levar para as famílias um tanto mais de conhecimento e ideias, mas principalmente salientar o valor de vivenciar cada época no enriquecimento humano de cada criança.